

Intervenção do Presidente do Conselho Científico: Professor Doutor Armando de Castro

Exmo. Senhor Dr. Antonius Van Zelst,
digno Presidente da Direcção da Co-
operativa ISPA-CRL;

Exmo. Senhor Professor Doutor Frederico
Pereira, ilustre Director do ISPA;

Exma. Senhora Professora Doutora Mar-
garida Alves Martins, ilustre Presidente
do Conselho Pedagógico;

Exma. Senhora Doutora Dalila de
Almeida, ADISPA;

Senhor Representante da Associação de
Estudantes do ISPA;

Senhores Funcionários;

Senhores Estudantes;

Exmos. Docentes;

Minhas Senhoras;

Meus Senhores:

Não há dúvida de que a história do ISPA
é também a história da Psicologia em Por-
tugal ao longo do último quarto de século.

Essa história ministra simultaneamente
indicações preciosas acerca da aventura das
Ciências do Homem no nosso país nas últi-
mas dezenas de anos.

Com efeito das suas dificuldades, em
grande medida resultantes dos obstáculos
ideológicos e sua força institucional falam
também outras disciplinas, bastando recor-
dar o que se passou com disciplinas como

a Sociologia e a Antropologia, além daquilo
que *sucedeu com o conteúdo de não poucas
ciências deste sub-sistema do sistema geral
das ciências*, como a História, a Economia,
entre as mais variadas.

Por isso a história do ISPA constitui um
elemento essencial para a compreensão de
toda esta problemática. A sua validade ultra-
passa por conseguinte a própria problemá-
tica estrita da Psicologia.

Permitam-me por tudo isto que invoque
rapidamente nesta perspectiva a história do
nosso Instituto.

O ISPA NA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA EM PORTUGAL

O enorme atraso da institucionalização do
ensino em Portugal — e com ele o enorme
retardamento da investigação — fundamen-
tada e aplicada em Psicologia representa
uma das manifestações mais impressionan-
tes desse atraso. Lembremo-nos com efeito
que a autonomia científica da Psicologia
data dos começos do século nos Estados
Unidos da América e que em França se tor-
nou uma realidade por volta de 1947.

É certo que o ensino desta ciência foi
introduzido nos «curricula» das Faculdades

de Letras em 1911 mas isso viria a revelar-se mais como um elemento freador do seu progresso do que um factor favorável ao avanço teórico neste domínio. Como escrevia num artigo Carlos Meireles Coelho em 16-2-1974 formavam-se «psicófosos»... E já antes, em artigo de 17-3-1972, outro articulista afirmava que as Faculdades de Letras eram «madrastas da Psicologia» (*Sic*)

E é realmente, segundo creio, sumamente útil invocar a história do ISPA no quadro da história desta disciplina no nosso País.

A HISTÓRIA DO ISPA NO QUADRO DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA EM PORTUGAL

Julgo que a este respeito poderemos distinguir três períodos mais latos:

a) De 1962 a 1976 ano em que foi institucionalizado o ensino Superior Oficial da Psicologia;

b) De 1976 até 1985 (Dezembro); e

c) Desde 1985 até à actualidade.

1962 — Neste ano, por iniciativa da «Federação Nacional dos Institutos Religiosos» é criado o «Instituto de Ciências Psicopedagógicas» que dois anos volvidos adoptaria a sua actual designação, ISPA.

1968/1969 — Surgem os primeiros diplomados, logo reconhecidos por universidades estrangeiras. Porém numa situação verdadeiramente anómala, os diplomados pelo ISPA eram preteridos na docência e nas carreiras de técnicos superiores pelos licenciados em Matemática, Farmácia, Filosofia e Desenho...

1972 — Por alvará de 16 de Junho é criado o Sindicato dos Psicólogos. Dele podiam fazer parte os licenciados em Filosóficas ou Histórico-Filosóficas pelas Faculdades de Letras com dissertação sobre Psicologia, os habilitados com curso superior de Psicologia em escola nacional ou estrangeira considerada idónea pelo MEC e

outros licenciados com qualquer curso superior com actividade profissional (ou autorização) em Psicologia e considerados como qualificação suficiente.

Aliás neste ano a Psicologia não constava do organograma do projecto de ensino escolar apresentado pelo MEC, continuando reduzido a algumas cadeiras das Faculdades de Letras. E vem ao espírito a anedota contada por J. Piaget a propósito de um professor de «psicologia filosófica» da Universidade de Madrid... E o «ISPA»?

Escrevia-se num artigo de *O Diário de Lisboa* em 17-3-1973 que era «uma escola fantasma.»...

1973 — Era porém publicado o Despacho de 12 de Março sobre o parecer da «Junta Nacional de Educação» de que foi relator um professor da Faculdade de Letras que reconhecia a Psicologia como ciência autónoma pela primeira vez... (é claro no plano oficial, que não no teórico) e reconhecendo o curso do ISPA como superior, desde que fossem preenchidas certas condições. No entanto, deixaram-se em aberto as questões relativas aos docentes. Foi aliás ao abrigo desta situação que o autor destes comentários viria a ser proibido de prosseguir a sua docência...)

Entre 1972 e 1974 podem apontar-se diversas intervenções na imprensa acentuando a situação incompreensível em que se encontrava o ISPA, como por exemplo:

1) *Vida Mundial* de 17-11-1972, entrevistas em que foram ouvidos os professores Barahona Fernandes e Schneeberger de Athaide, este último director do ISPA e recentemente falecido, e a cuja memória presto a minha homenagem pelo significado dos seus esforços pela Instituição e até pela atitude digna que assumiu aquando do meu saneamento político absurdo em 1973.

2) Também o *Expresso*, de 9-3-1974 sobre o título «O ISPA, escola maldita», assinado por José Júlio Cruz Abreu.

1976 — É neste ano que surgem as primeiras Faculdades do ensino superior oficial

destinadas ao ensino da Psicologia, as Faculdades de Psicologia e Ciências da Educação, para cuja criação não será certamente absurdo dizer que contribuiu a luta do ISPA.

Continuava-se a viver uma situação incompreensível quanto à situação institucional do ISPA na medida em que eram diplomados por este Instituto que dirigiam estágios no ramo da Psicologia.

1978 — Neste ano é proferido despacho apenas confirmativo do que fora publicado em 1973 que reconhecia ao curso do ISPA o carácter de curso superior.

1981 — Realiza-se o «II Encontro Nacional de Psicólogos» com uns 500 participantes, e na sequência do 1.º que tivera lugar em 1976 e no qual a questão da situação do ISPA veio mais uma vez à discussão. Caso tanto mais digno de nota quando a nossa Escola já havia formado uns 760 diplomados na altura em que surgiram as Faculdades do Estado. No entanto, o apoio do MEC ao ISPA havia-se reduzido nesta altura.

Se olharmos para a situação do Instituto em 1982 verificaremos que mantinha relações com diversas universidades estrangeiras, incluindo na realização de cursos de pós-graduação em colaboração com a Faculdade de Bristol. É nesse ano que o ISPA celebra os seus 20 anos de vida, numa altura em que o frequentavam uns 750 alunos e dispondo de uns 60 docentes. Nesta altura talvez tivesse diplomado mais de 1000 especialistas, à roda de 85% dos existentes no país. É ainda neste ano que se dá um salto qualitativo fundamental: forma-se a Cooperativa e o ISPA muda para as suas actuais instalações, depois de ter passado pela Rua da Emenda e por pavilhões na Feira Popular de Lisboa. O MEC subsidiava a Escola mas mantinha-se o impasse quanto ao reconhecimento da licenciatura.

Por fim — e finalmente — O Despacho n.º 114/SEES/84, de 3 de Dezembro desse ano de 1984, atribua ao diploma efeitos correspondentes aos da licenciatura; divide o curso em três ramos; Psicologia Clínica, Psi-

cologia Educacional e Psicologia Social e das Organizações, com os respectivos «curricula». Embora estas normas fossem válidas apenas para os alunos matriculados desde 1983/84, subsistindo o problema dos antigos diplomados, é de crer que a situação se irá resolver.

MAS PARA TRÁS DESTA HISTÓRIA,
O QUE IMPORTA NATURALMENTE
É TER OS OLHOS NO FUTURO

Percorridas diversas etapas, uma indo talvez da fundação até 1973, abrindo-se a segunda nesta data para ir até 1982 e uma terceira desde este último ano até ao começo de 1985, seguindo-se a actual que vem desde essa altura, o que importa registar são acima de tudo os esforços que permitiram este esforço e que criam condições para ulteriores avanços no plano da investigação e da formação pedagógica.

Foi possível levar a cabo uma reestruturação funcional, pôr de pé novas infra-estruturas materiais e conduzir um reapetrechamento organizacional-administrativo, incluindo a informatização dos serviços (administrativos e da biblioteca) e avançar na utensilagem metodológica, a par de progressos nos quadros científicos.

O ISPA é pois exemplo vivo da força de vontade que permitiu vencer um ambiente oficial e institucional a princípio abertamente hostil seguido de «uma indiferença não neutral» até ter sido possível afirmar os seus «direitos de cidadania pedagógica e científica» neste sector das Ciências do Homem; viveu-se uma difícil aventura nestes 25 anos. Mas isto não resultou de um acaso ou mesmo apenas de boa vontade e clarividência daqueles que puseram de pé e fizeram avançar o Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Foi uma necessidade social. O mérito desses obreiros consistiu em saber corresponder a essa necessidade numa luta sem desfalecimentos.

Actualmente, com as sólidas bases implantadas, o ISPA contribui de maneira insubstituível para o progresso deste sector científico e para o avanço da transmissão pedagógica do saber científico em Psicologia e ramos conexos.

Avança inclusivé com cursos de pós-graduação e trabalha para lançar mesmo graus académicos superiores com base no acto que é a placa giratória neste domínio, o doutoramento.

Alarga e reforça a sua colaboração com outras universidades, nomeadamente estrangeiras, de que é exemplo a Faculdade de Bristol e que no «European Journal of Psychology of Education» é paradigma de cooperação inter-universitária, neste caso com as Universidades de Aix-en-Provence, Bologna, Neuchatel, Bristol e Berlim.

Promove seminários e outros encontros científicos como sucedeu há cerca de dois anos com o Seminário sobre «Comunicação e Inovação».

É portanto com legítimo orgulho que o Instituto Superior de Psicologia Aplicada entra no seu 26.º ano de existência. É uma escola aberta que prosseguirá no seu desen-

volvimento na certeza de que tanto no plano científico como naturalmente também ao pedagógico jamais se atingem pontos finais definitivos. Ser «escola é um acto de auto-fazer-se permanente». O ISPA vai por certo prosseguir à altura deste desafio.

Com a sensibilidade atenta e já caldeada da Direcção da Cooperativa; dispondo também da atenção vigilante dos organismos de direcção; com a cooperação activa dos estudantes e da sua Associação; aproveitando do esforço administrativo, técnico e auxiliar; e, finalmente, tendo ao seu serviço a capacidade de actualização e aprofundamento teórico-metodológico dos seus docentes, bem como da sua sensibilidade pedagógica, o ISPA prosseguirá o desenvolvimento da sua função no campo específico que lhe pertence, aberto à colaboração com todas as demais Escolas da especialidade, agora que dispõe de condições bem mais favoráveis do que aquelas que conheceu no passado, durante anos a fio.

Isto não é um voto mais ou menos piedoso.

É uma certeza alicerçada nas lições de vinte e cinco anos de luta pela ciência da Psicologia em Portugal.